

# DOMINGO



SEMANARIO REPUBLICANO INDEPENDENTE

**Assinatura**

Anno, 1\$000 réis; semestre, 500 réis. Pagamento adiantado.  
Para o Brazil, anno, 2\$000 réis (moeda forte).  
Avulso, no dia da publicação, 20 réis.

REDACTOR E DIRECTOR—*José Augusto Saloio*

**REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA****(Composição e impressão)**

132, 2.º — RUA DIREITA — 132, 2.º  
ALDEGALLEGA

**Publicações**

Annuncios—1.ª publicação, 40 réis a linha, nas seguintes,  
20 réis. Annuncios na 4.ª pagina, contracto especial. Os auto-  
graphos não se restituem quer sejam ou não publicados.

PROPRIETARIO—*José Augusto Saloio*

## Recordações

Era vêr-se os dois ahi pela noitinha sentados a uma mesa do Club caturrando sobre assumptos agrícolas ou sobre fabrico de vinhos. Alguns socios que iam entrando vendo-os n'aquella intima cavaqueira diziam: cá estão elles! E estavam. Horas seguidas durava a palestra e n'esta eram apreciados o tempo, as terras que cada um d'elles possuía, a semente ou a casta americana mais apropriada a cada qualidade do terreno, a resistencia dos cavallos, o garfo mais apropriado, os ataques de mildio ou de oídium, a melhor fórmula de preparar a calda bordoleza ou a melhor época de applicar o enxofre, etc., etc.

Outras vezes ventilavam-se assumptos vinícolas, taes como fabricação, desdobramentos, força alcoólica mais conveniente ás exigencias do consumo e tantas outras minuciosidades que se prendiam com a viticultura.

Era uma palestra serena, agradável, sem uma palavra destoante mostrando a quem ia entrando que estavam alli dois amigos sinceros que se estimavam e respeitavam mutuamente.

Ao baterem as onze horas no relógio da freguezia levantavam-se os dois e enfiando o braço de um no braço do outro seguiam o mesmo caminho, apesar de habitarem em pontos oppostos, continuando a mesma conversação, parando aqui, parando alli e gastando ás vezes duas horas para chegarem á porta de um d'elles, onde, depois de mais algumas palavras, se despediam até ao dia seguinte. Alguns annos durou esta intimidade que estabeleceu entre os dois fortes laços de amizade.

Um dia, a proposito do modo abusivo como na villa se fabricavam vereado-

res e deputados, conheceram que o ideal democratico era o crêdo de ambos. Professavam-no desde os bancos das escolas, tendo um d'elles concorrido apenas com o seu voto, tendo o outro tomado já parte activa na revolução de 31 de janeiro.

As palestras animaram-se, mas já não eram sobre terras e sobre vinhas. Imagine o leitor dois crentes, dois fanáticos pela democracia expondo um ao outro as suas aspirações, as suas esperanças n'uma mudança de instituições com a devoção ardente e pura das almas generosas que aneiam pela Liberdade que ha de trazer aos homens em geral a posse de si mesmos e aos pobres algum bem-estar, aliviando-os de impostos, ministrando-lhes intrucção, transformando-os em seres conscientes; junte a isto as apreciações sobre a administração dos governos da monarchia e sobre os esbanjamentos das camaras municipaes e fará uma idéa das horas que os dois amigos levariam a discutir o assumpto e da vehemencia com que o fariam.

O mais novo dos dois, mais impulsivo, tratando da administração municipal do concelho tinha phrases que queimavam como ferro candente, tinha apóstrophes que feriam como settas bem aguçadas.

Combinou-se entre os dois que era de absoluta e inadiavel necessidade organizar o partido republicano local, acabar com as chapeladas eleitoraes, chamar o povo a usar do direito do voto, pôr termo a todos os abusos que se estavam praticando e entrar emfim n'um período de progresso movel e politico.

O modo caloroso como esta decisão se tomou não podia deixar dúvidas sobre a firmeza de convicções de cada um dos interlocutores.

Outras pessoas havia com igual communhão de idéas que da melhor vontade se encarregaram de

organizar a commissão iniciadora.

Dos dois amigos, o mais velho adheriu, o outro... Foi um ar que lhe deu!

*Sermão.*

**Paradoxo**

Um individuo, que toda a sua vida tem dito ser republicano, pedindo o voto a um eleitor para as eleições camararias e abraçando-o disse: E' preciso evitar que aquella gente (referia-se aos republicanos) lá vá.

Para republicanos d'estes... batatas!

**Humores**

Que os franquistas d'esta villa se declararam *socialistas*.

—Que os vereadores da camara municipal estão melhor das dores de barriga em consequencia de já não se fazerem eleições.

—Que o nosso director está muito *assustado* visto ter de ser exilado no proximo anno de 1908 por sempre ficar a mesma vereação.

—Que a camara municipal pagou o anno passado todas as despezas com a festa escolar (uns sessenta e tal mil réis) e que este anno só dá 30\$000 réis.

—Que os camaristas já sabem dizer que se não fosse a ilegalidade da camara se teriam vingado dos *garotos*.

—Que um dos franquistas incluido na lista para a nova vereação *bebe agua* com delicia.

—Que já se não fará a estrada para Canha senão quando houver eleições.

**Cirio dos pescadores**

Eram 3,30 da tarde de 3.ª feira quando chegou a esta villa o cirio dos pescadores que, como haviamos noticiado, fôra para a Atalaya no dia 12 do corrente.

**Theatro**

Continuam os ensaios do drama de Pinheiro Chagas «A morgadinha de Valflores» que brevemente será dessempeñado no theatro d'esta villa, por alguns dos nossos mais distinctos amadores.

**DOIS ANNOS DEPOIS**

Pedem-me que escreva sobre o anniversario da Cooperativa Aldegallense, para commemorar o seu 2.º anniversario.

Que escrever? Que dizer? Que aconselhar? Que propôr?

Nos anniversarios das Aggregações, é costume festejar o periodo de 12 mezes, que compõem o anno, tal como se festeja o Natal e o Anno Bom, aliás aquelle com mais bem fundada razão.

Ora vejam, meus presentes e, por ventura, futuros amigos, se não se deve comparar a gestação de um ser humano com a gestação de um ser colectivo, como é uma Cooperativa ou outra sociedade?

Para a gestação do ser vivo são precisas: qualidades de saúde dos paes, qualidades do meio e qualidades da educação ou da continuidade.

E para a gestação dos seres ou corpos collectivos, (conjuncto de seres individuaes, feitos, ou devendo-o ser, homens), o que é tambem preciso para consolidar a instituição?

Tudo quanto é preciso para levar de feito uma creança a ser homem, *homem*, com todos os caracteristicos de caracter, e de caracter, não tendo como alvo qualquer conveniencia especial, mas a fundamental conveniencia, aliás dever, de se perpetuar, e, assim, ser solidario na grandiosa lei da humanidade, de que cada individuo é um simples élo, muito e muito mais, este dever é preciso existir n'uma Sociedade, n'um agrupamento de individuos.

No caso presente trata-se de uma Cooperativa. Qual o seu fim? Produzir pão, (quando puder) e, desde já vender aos socios, aproveitando para si os tantos por cento que recebem os vendedores de profissão, e que é, emfim, a paga do seu trabalho. Assim na Cooperativa, quasi que os seus lucros, são a

resultante do trabalho gratuito e dedicado dos seus socios benemeritos. O dividendo, o lucro do capital de cada socio, sae do esforço, do sacrificio de alguns que abandonam o lar para servirem os seus companheiros.

Mas, sómente, para este resultado ha compensação em tantos sacrificios? O ponto de mira poderá ser apenas o receber 2, 5 ou 10 por cento sobre o capital de 5 ou 10 mil réis, adquirido á custa de quotas semanaes, dadas com custo pelos socios, e, ainda mais com custo cobradas por esses benemeritos sociaes? Para tão pouco não valia a pena, nem crear instituições nem festejar-lhes os anniversarios. Não, para viverem rachiticas, a pedir eternamente esmola, o melhor é não as fazer.

Mas a «Aldegallense», parece ser excepção. Vae devagarinho, mas firma-se. E o seu exemplo vae radicando. Associações de classe vão apparecendo... Mas cautella; que sem intrucção e sem educação sem que se arranquem elementos que possam cuidar do que se vae de novo estabelecendo, corre-se risco de ir tudo por agua abaixo.

A «Aldegallense», vae cuidar do ensino das creanças. Vae ensinar-lhes a cantar o hymno dos trabalhadores. E' muitissimo. E' principal.

Com as creanças virão as Mães, e virão os Paes com ambas.

Se a Cooperativa conseguir isto, que pela escola venham as creanças, que pela musica, pelo canto choral, pelos jardins de infancia essas creanças tomem gosto pela intrucção; que pelo amor das creanças, seus filhos, venham as Mães, os Paes virão tambem, e a Cooperativa Aldegallense não será uma instituição, onde um resumido grupo de anabaptistas se sacrifica para vender géneros sem custo de pessoal, mas uma instituição d'onde ha de sair galardão para a villa de Al-

degallega e consequentemente para todo o Paiz

Porque ha que notar. Na ordem do dia não estão as questões politicas, nem os estafados programmas politicos, sempre promettidos e nunca cumpridos. Hoje o que se quer é melhora e bem-estar na familia; que no lar haja pão e conforto, que os filhos tenham a robustez que têm em as raças e os povos dos paizes civilisados. Os beneficios que a sciencia descobre, que a industria pratica e que o commercio vulgarisa, não podem ser apanagio sómente de quem tem muito capital. Os proprios capitalistas, quando tenham sentimento e educação moral, hão de sentir-se véxados e apoquentados ao encontrarem-se rodeados de seres famintos, esqueléticos, ignorantes, inconscientes e pedintes. Se tiverem consciencia não dormirão tranquillos, ao pensar em taes encontros successivos...

Pois, se a «Cooperativa Aldegallense» segue n'este trilho, do coração a felicitamos, e n'ella o povo, o proletario portuguez—que o estrangeiro já não precisa.

BORGES VENTURA.

## CHRONICA DE LISBOA

Realisou-se a final a eleição do chefe do partido regenerador, para substituir o fallecido Hintze Ribeiro. Como o sr. Teixeira de Souza retirasse a sua candidatura, a escolha recahiu, como era natural, no sr. Julio de Vilhena.

Este estadista apresentou o seu programma, que está muito bem feito, muito bonito; mas em que pedimos licença para não acreditar, porque não poderá ser cumprido, embora contra a vontade de quem o elaborou. Quando se quer caminhar em linha recta para salvaguardar os interesses do paiz apresentam-se sempre obstáculos, vin-

dos não sei d'onde, que estorvam a marcha progressiva dos estadistas, ainda que elles entrem para o governo na melhor das intenções. O systema está velho e decadente; as molas estão muito gastas, e o azeite para as fazer mover vae-lhe faltando, pela má vontade dos fornecedores; o edificio precisa de escoras para se apoiar e os mandantes tem receio de que, tocando n'uma dessas escoras, ella dê de si e faça desabar esta trapalhada toda, sepultando-os tambem a elles nos escombros.

Esta é que é a verdade.

\* \* \*

No passado domingo houve em Cascaes uma festa maritima brilhantissima, para que muito concorreu a belleza do dia; a formosa bahia estava cheia de embarcações enfeitadas que lhe davam um tom encantador, tanto mais que os do norte eram tripulados por mulheres.

Seria realmente util que se continuassem estes festivaes, que muito podem contribuir para o engrandecimento da nossa marinha naval.

A festa foi para solemnizar a offerta de uma bandeira que sua magestade a rainha D. Amelia fez para servir de estandarte ao navio chefe da nossa esquadra.

JOAQUIM DOS ANJOS.

**Cooperativa Aldegallense.—O seu 2.º anniversario.**

Realisou-se no preterito domingo n'esta vantajosa associação de classe a annunciada sessão solemne. A sala achava-se artisticamente ornamentada com verdura, jornaes, quadros, instrumentos de trabalho, etc., etc. Pouco depois das 10 horas começou a entrar gente e era meio dia quando entrou na sala o sr. Azedo Gnecco.

Abriu aquella sympathica festa um grupo de ocarinistas habilmente ensaiado

pelo nosso amigo Balthazar Manuel Valente tocando o hymno «1.º de Maio», que foi respeitosamente ouvido de pé.

Em seguida começou a sessão a que presidiu o sr. Gabriel Pires Barreira, secretariado pelas sr.ªs D. Margarida Marques e D. Guilhermina Marques.

O sr. Barreira expoz ao numeroso auditorio o desenvolvimento que ultimamente aquella sociedade tem tido e attribuiu esse desenvolvimento á união dos associados e ao muito esforço de todos que, sem se pouparem a trabalhos, só pensam em vêr prosperar a sociedade que tão utilhes é e muito ainda lhes póde vir a ser.

A seguir falou o sr. Azedo Gnecco que mostrou as conveniencias da cooperativa para os que mourejam dia a dia, dizendo que é alli que esses podem servir-se bem tanto na qualidade como no preço. Elogiou as condições hygienicas da «Aldegallense» e disse que se era ainda uma sociedade pequena não tardaria que se tornasse grande porque via alli a boa vontade de todos os associados.

Falou depois a sr.ª D. Margarida Marques que, dirigindo-se ás senhoras, fez-lhes comprehender quaes os seus deveres e aconselhou-as a que se filiassem nas associações porque só ali poderiam reclamar os seus direitos e conseguir melhora de situação.

Terminada a sessão, seriam 3 horas, foi servido um elegante copo d'agua trocando-se affectuosos brindes.

O grupo de ocarinistas tocava em todos os intervallos sendo sempre muito applaudido.

A noite, com a vasta sala repleta de assistentes, predominando o elemento feminino deu-se começo ás 8 horas á segunda parte do programma.

Tomou a presidencia o

sr. Gabriel Pires Barreira secretariado por D. Margarida Marques e Azedo Gnecco.

Depois do grupo de ocarinistas d'esta villa ter tocado o hymno 1.º de Maio que foi ouvido no maximo silencio e cuja execução mereceu frenéticos applausos dos assistentes, o sr. Gabriel Barreira, uzando da palavra disse que a sessão da noite era a continuação da anterior e que por isso ia dar a palavra a alguns oradores inscriptos que por falta de tempo não tinham podido usar d'ella na sessão diurna, porém primeiro pedia para consentirem que fosse recitada uma poesia.

O menino José Pires Barreira, de 6 annos, sobe á mesa da presidencia onde recita uma poesia dedicada a José Fontana, do nosso collega Joaquim dos Anjos, sendo o *diseur* muito applaudido.

Fala depois o sr. Manuel Theodoro Teixeira que a largos traços descreve a vida passada da «Cooperativa Aldegallense» lutando sempre com difficuldades, mas sempre affrontando-as intemeratamente e vencendo-as. Aconselha tambem os operarios de Aldegallega a unirem-se para chegarem até ao fim por elles desejado. Nesta altura o orador visivelmente commovido tem que desistir da palavra.

Segue-se o sr. José Maria Pires Barreira que diz virem as sociedade cooperativas de longa data e do estrangeiro. Faz em seguida a historia da Caixa Operaria que vivendo ao principio entre grandes vicissitudes é hoje uma das primeiras cooperativas de Portugal devido ao esforço e á união dos seus associados. Se a classe trabalhadora de Aldegallega fizer o mesmo prosperará a Cooperativa e por isso incita todos os operarios de esta villa a filiarem-se alli.

Fala depois o sr. Manuel

Paulino Gomes que como academico se colloca sempre ao lado das classes trabalhadoras, porque será d'esta classe que ha de partir o movimento que ha de restaurar a sua patria, que elle defende e por quem talvez morrerá lutando. Refere-se ao estado da sociedade portugueza onde o capital campeia procurando abafar o esforço das classes trabalhadoras e dominar as mesmas classes.

Incita as mulheres a educarem os seus filhos de modo que elles possam vir a ser cidadãos livres e consciuos dos seus deveres e direitos.

Acaba felicitando o operariado de Aldegallega pelo seu civismo e diz que elle não deve temer a força physica ou pecuniaria visto ter a força consciencia.

O orador que durante o seu magnifico discurso foi interrompido repetidas vezes por applausos, é, ao acabar, alvo de uma ruidosa ovação.

Em seguida usa da palavra a sr.ª D. Margarida Marques que diz que embora tivesse uzado da palavra na sessão diurna, tambem falará na nocturna visto a sala estar repleta de senhoras a quem ella mais especialmente se vae referir.

Traça depois a vida da costureira em Lisboa, decorrida em *ateliers* pouco hygienicos e com um salario minimo que não paga o seu trababalho e diz julgar que a vida de costureira em Aldegallega não será melhor. Ataca, em seguida, a differença que existe entre o salario do homem e o da mulher ganhando o homem o dobro e o triplo pelo mesmo trabalho que a mulher faz. «A mulher para ir para o seu trabalho tem que abandonar o lar deixando o seu filho ou entregue a uma visinha a quem ha de pagar ou deixando-o na rua onde talvez se venha a tornar um criminoso».

Tradução de J. DOS ANJOS

## UMA PAIXÃO FATAL

II

—Só a mãe deve educar a filha e ensinar-lhe a vida real, capitulo por capitulo. As religiosas não podem ter a noção do lar domestico e as professoras são muito levantadas de cabeça. Para que serve metter a Suzanna n'essas bocetas?

Não variava nunca o desenvolvimento da sua these costumada, que acabava sempre, como um sermão, por uma vaga citação latina de que não explicava o sentido. No fim, de contas, era trabalho perdido, porque

a mãe não queria separar-se da filha. Entre aquelles dois genios brandos havia, desde que a Suzanna chegara á idade de comprehender as coisas, uma communhão de todas as sensações boas ou más. Estimavam-se profundamente, viviam da mesma vida, aporando-se uma na outra, e emquanto a pequena ia crescendo como uma planta forte, a mãe parecia que não se fazia velha.

Esta intimidade consoladora adornava-lhe as antigas amarguras maternas. Havia já muito tempo que tanto como o marido tinham sido feridos no coração e que estavam dois logares lugubrememente vagos na mesa da familia. Os filhos tinham morrido na mesma batalha e os seus cadaveres informes não puderam ser conhecidos. A pobre mãe não deixara, desde então, de usar um vestido preto. Para

esquecer os seus pensamentos, engolpava-se n'umas vagas idéas de religião e além d'isso a educação da filha tambem lhe absorvia o trabalho do cerebro. E as violencias apaixonadas do desespero que lhe flagellavam o corpo ulcerado iam-se decompondo insensivelmente n'uma especie de apaziguamento placido.

Mas muitas vezes, quando, nos dias quentes de maio, ia sentar-se no jardim, ouvindo o cantar das aves, a pobre mãe pensava na hora fatal da separação. A filha havia de casar um dia e devia amar santamente, com todas as suas forças, o esposo que accettesse para sempre.

Então ficaria a pobre senhora de luto na sua pesada solidão, porque depois do casamento a mãe é demais para os filhos. A sogra é sempre uma pessoa incommoda e essa pobre aban-

donada ainda se deve considerar muito feliz por poder achar nos netos o resto dos seus affectos antigos. A senhora Ricôme pensava dolorosamente n'esse futuro proximo e enchiam-se-lhe os olhos de lagrimas quando á noite, á hora em que a filha já estava deitada, o commandante dizia, mordendo o bigode grisalho:

—A final de contas, é uma tolice! Então as reparigas sem dote não podem casar hoje em dia? A nossa pequena havia de dar uma boa dona de casa!

A mãe não comprehendia aquella impaciencia. Queria prolongar a vida presente, immobilisar-lhe a corrente machinal, segurar bem ao peito os dois entes amados n'um amplexo eterno!

Comtudo, apesar d'essas effusões de todas as idéas preconcebidas, que

lhe refluíam do coração, não proferiu uma unica palavra desanimadora quando o tenente Paulinot lhe fez timidamente o pedido de casamento. E tinha até nos olhos uma tal expressão de regosijo entusiastico quando poz a mão da filha na mão grossa do Saturnino que o commandante não pode deixar de resmungar:

—As mulheres! Oh! as mulheres! Que mudança que fazem!

A joven noiva era feia. Dois largos bandós a Virgem collavam-se-lhe como estopa molhada de um louro desmaiado na testa.

O nariz comprido e ossudo tingia-se nas narinas de fibras carminadas.

Os labios pareciam mortos e fechados ao eterno desejo da carne.

(Continua).

Ataca a sociedade portugueza que creou uma sociedade protectora de animaes, mas que não cria uma creche onde as operarias possam deixar seus filhos, quando ellas têm que ir labutar para ganhar o seu parco sustento.

Incita as operarias de Aldegallega ao cooperativismo e acaba felicitando a Cooperativa Aldegallense e fazendo votos pelas prosperidades da mesma.

Começa em seguida a annunciada conferencia do sr. Azedo Gnecco subordinada ao thema «Cooperativas, sua origem e sua importancia como funcção social», thema que o orador desenvolve maravilhosamente, sendo nas criticas, justo nos ataques que dirige ao capital e vibrante quando fala do ideal que defende.

Ao illustre conferente, que foi muito applaudido ao finalizar a sua prelecção, que nos é impossivel acompanhar, agradecemos as reverencias amaveis que dispensou a este jornal.

Fala por ultimo o sr. Gabriel Barreira que agradece aos ocarinistas o seu favor e declara encerrada a sessão.

Em seguida começou o baile que decorreu animadissimo.

Felicitando a Cooperativa pelo seu anniversario fazemos os mais sinceros votos para que a idéa que ella symbolisa se radique e fructifique em Aldegallega.

Consta-nos que os servidores do actual governo residentes nesta villa pensam ir—com affectação de virtudes que não possuem—offerecer a presidencia da camara ao nosso amigo e valioso correligionario, sr. dr. Luciano Tavares Móra.

Estamos certos que não conseguirão trahir, como pensam, o dr. Luciano por que elle saberá affastal-os com o pé.

#### Aviso aos agricultores

Informaram-nos de que alguns individuos d'esta villa vão mandar vir dois ou tres navios carregados de batata da melhor para semente, que será vendida por preço muitissimo inferior áquelles que aqui se têm feito.

#### Grande novidade artistica

Depois de ter alcançado um enorme successo durante toda a época de verão, no grande e aprazivel jardim do teatro D. Amelia com o seu maravilhoso «animatographo», successo registado por todos os jornaes da capital, virá o sr. João Ignacio da Silva, proprietario d'aquelle aparelho cinematographo, dar uma brilhante série de espectaculos ao publico d'esta villa, tendo já fechado contracto com o sr. Antonio Maximo Ventura, para aq.uisição do theatro, realisando-se o primeiro espectáculo no dia 16 do

proximo mez de novembro. O ultimo espectáculo em Lisboa no jardim do theatro D. Amelia realisa se hoje; domingo, 20, o que dará logar a uma festiva despedida e enorme enchente, pois incontestavelmente este animatographo é o mais perfeito, o mais nitido e firme que em Lisboa e até mesmo no estrangeiro se tem visto, o que deu logar a ter sido o preferido por todo o publico da Capital e até pelas creanças, das quaes se tornou o divertimento predilecto.

Ao publico damos pois a boa nova que vae ter a primazia de ser o primeiro, depois de Lisboa, a admirar o grande animatographo com toda a sua magnifica collecção dos mais notaveis quadros, d'uma variedade enorme, de géneros diversos, cómicos, dramáticos, peças de theatro, magicas d'um grande effeito colorido, etc.

E', pois, com o maior prazer, que damos ao publico esta noticia, verdadeiramente sensacional, aguardando ansiosamente o dia da estreia do famoso animatographo e o momento da confirmação do successo que lhe foi conferido pela capital.

Na passada quinta feira houve, segundo nos informaram, novo ataque á consciencia do sr. Luiz Pereira Fialho, indo para isso alguns individuos procural-o e offerecer-lhe a presidencia da camara municipal como se isto fosse a tal mercaderia a que ha pouco o *Illustrado* se referia em correspondencia d'esta villa.

Mais uma vez com o não!

#### Festa escolar

Programma da Festa Escolar no salão do Theatro:

1.º «Hymno das escolas» cantado pelas creanças acompanhadas pelo sextetto, pela phylharmonica 1.º de Dezembro e ao piano pela Ex.ª Sr.ª D. Maria Carolina Ventura.

2.º Allocução pela presidente Ex.ª Sr.ª D. Maria Francisca Monteiro de Figueiredo.

Intervallo concedido a quem quizer fazer uso da palavra.

3.º Symphonia pelo sextetto e pela Ex.ª Sr.ª D. Alice Tavares da Silva.

4.º Allocução pelo menino Francisco d'Oliveira Netto.

5.º «Preguiça» poesia pelo menino Antonio Lucas Duarte de Figueiredo.

6.º «As flores» poesia pelo menino Henrique Tavares Baldrice.

7.º «A Escola» poesia pelo menino José Gabriel Barreira.

8.º Pelo sextetto e Ex.ª Sr.ª D. Maria Carolina Ventura.

Intervallo destinado ao «lunch» durante o qual a phylharmonica 1.º de Dezembro executará varios trechos do seu repertorio.

9.º Pelo sextetto e Ex.ª Sr.ª D. Alice Tavares da Silva.

10.º «A festa das creanças» poesia pelo menino José da Fonseca Onofre.

11.º «Invocação» poesia pelo menino João Tavares Paigata.

12.º Pelo sextetto e Ex.ª Sr.ª D. Maria Carolina Ventura.

13.º «O filho morto» poesia pelo menino Luciano José Alegria.

14.º «A esmola do pobre» poesia pelo menino Francisco d'Oliveira Netto.

15.º Pelo sextetto e pela Ex.ª Sr.ª D. Alice Tavares da Silva.

16.º Distribuição de premios ás creanças.

17.º Hymno escolar cantado pelas creanças acompanhadas pelo sextetto, pela phylharmonica e ao piano pela Ex.ª Sr.ª D. Maria C. Ventura.

Esteve hontem n'esta villa o sr. dr. Boletto, facultativo municipal com residencia na villa de Canha. Segundo ouvimos inspecionou por curiosidade o secretario da camara e achou-o atacado de uma orçamentite aguda.

Foi uma surpresa para nós, pois julgavamos que o orçamente é que padecia d'uma silvite incuravel.

Na sexta feira foram acompanhar á sepultura os restos mortuos do «primmo» José dos Santos Jorge, que fallecera em Lisboa, os srs. Secretario da Camara, Presidente da Camara, Vereador Nepomuceno e outros.

#### PARA TODOS

##### Corrupção eleitoral

E' muito antigo o uzo de viciar a eleição popular comprando os suffragios dos eleitores.

De longa data que esta corrupção se exerce do modo mais descarado.

Os candidatos a fim de se fazerem eleger interessam os eleitores nas suas candidaturas distribuindo-lhes os eleitores nas suas candidaturas distribuindo-lhes com toda a liberdade, presentes de vinho, convidando-os a jantares e dando-lhes dinheiro ás mãos cheias.

Esta corrupção politica penetrou tão profundamente nos nossos costumes que se ouzou crear uma funcção: a de corruptor de consciencias. Chegada a época eleitoral apresentam-se aos candidatos, a receber ordens, os encarregados da desprezivel missão. E' o que nós chamamos galopins. Talvez porque galopam d'uma banda para a outra, ameaçando os que resistem, comprando os que se prostituem.

Tambem estes por conta dos ignóbeis patrões, distribuem vinho e o classico carneiro com batatas e dinheiro de contado aos eleitores indignos.

A corrupção eleitoral basta, de facto, a provar a immoralidade dos candidatos e a indignidade dos eleitores.

Quem comprar votos, é porque tem interesse pessoal na eleição ou seja pela satisfação do amor proprio, ou seja porque ella lhe abre carreira para a satisfação de inconfessaveis interesses.

Com certeza que não é o zelo de bem servir os povos que leva os candidatos a um tal procedimento. Quem vende o seu voto póde garantir-se assim qualquer beneficio immediato. Mas compensará esse beneficio, mesmo sob o ponto de vista do egoismo pessoal, os prejuizos acarretados por tal acto? O politico honesto, que não procura enriquecer nem adquirir preponderancia pela politica, não compra votos.

Não ha ambição alguma a impellil-o a gastar n'uma obra de corrupção uma parcella do seu capital entregue ás surpresas da loteria eleitoral. Entra na lucta disposto a perder ou a vencer, préviamente deliberado já a acabar com toda a sinceridade o resultado da eleição, ou este lhe seja favoravel, ou lhe seja desfavoravel.

Quem, pois, mercadeja votos?

Os politicos deshonestos.

Mas exactamente d'estes é que tudo ha a receiar na administração pública. Estes são os que desperdiçam o dinheiro público e depois falsificam os orçamentos para não terem que dar conta do que roubam. Mas como o dinheiro é preciso para as despesas do Estado, e elles o desviam a interesse pessoal seu ou do compadrio politico, d'onde ha de esse dinheiro sahir?—Do imposto.

Recebeu o eleitor dez ou quinze tostões pelo voto, e foi vêr augmentadas as contribuições em dez ou quinze mil réis.

Veio a perder mais do que ganhou, e levou os outros a prejuizo identico. A venalidade eleitoral é sempre... uma venalidade moral.

O individuo que deve favores ao candidato ou ao influente que patrocina a candidatura, entende que póde com o seu voto pagar os favores que deve. Mas se o candidato for um homem indigno, vamos cahir na mesma. Foi pagar um favor pessoal á custa do interesse nacional.

Depois os impostos de consumo augmentam. A vida encarece, torna-se afflictiva. Quem é o culpado?

Tu arrepeñas-te, pobre camponio; mas quem fez augmentar os impostos, foste tu, que vendeste o teu voto ao candidato governamental, o qual te paga o serviço dando o seu voto ao governo que, precizando de dinheiro para os desperdicios e adeantamentos elaborou uma remodelação no imposto.

EDUARDO PEREIRA RATO.

Ha dias foi procurado o sr. Antonio Joaquim Relogio a quem foi pedido o voto para a nova camara que satisfará não as necessidades de Aldegallega mas as da barriga de alguns individuos, as vontades do governo, etc., etc.

Sem relutancia o sr. Relogio deu o sim o que muito envaideceu o alliciador levando-o a perguntar ao sr. Relogio se os filhos estavam filiados no Centro Republicano.

Ao que parece aquelle cavalheiro não estava bom de cabeça. Pois então não queria que todos os relogios estivessem variados?!

Vá lá o mais velho — que já não regula — e está com sorte!

VENDE-SE

A herdade do Carrapa-

tal composta de montado de cortiça, pinhal e charneca, sita nos limites da freguezia de Canha. Quem pretender dirija-se a José Correia Louro.

#### ANNUNCIO

##### COMARCA DE ALDEGALLEGA DO RIBATEJO

(1.ª publicação)

Por este juizo e execução hypothecaria que promove Calixto Correia, de esta villa contra os executados herdeiros de Joaquim Pereira Carreiro, da freguezia d'Alcochete, vae á praça á porta do tribunal de esta comarca no dia 3 do proximo mez de novembro pelas 10 horas da manhã para ser vendido pelo maior preço que for offerecido sobre o abaixo declarado o seguinte predio penhorado pela mesma execução:

Uma fazenda de terra de sementeira, vinha, arvoredos de fructo, casa de habitação e poço, situada no Alto da Pacheca ou São Francisco, freguezia d'Alcochete, d'esta comarca no valor de réis 800\$000.

São citados para a referida praça quaesquer crédores incertos nos termos e para os effeitos do numero primeiro do artigo 844 do Codigo Processo Civil.

Aldegallega do Ribatejo, 10 de outubro de 1907.

O ESCRIVÃO

Antonio Julio Pereira Moutinho.

Verifiquei a exactidão:

O JUIZ DE DIREITO

A. Franco.

#### VENDEM-SE

8 moradas de casas, na rua das Postas, d'esta villa.

Trata-se com o procurador Vaz Velho. 325

#### ANNUNCIO

##### COMARCA DE ALDEGALLEGA DO RIBATEJO

(2.ª publicação)

Faço saber que por este Juizo e cartorio do escrivão do primeiro officio, correm editos de 10 dias, citando os credores que pretenderem deduzir preferencias, á quantia de 73\$344 réis, penhorada nos autos de inventario orphanologico por obito de Maria Pimpona a re-

querimento do Magistra- do do Ministerio Público, depositada na Caixa Ge- ral de Dpositos, e per- tencente aos executados Antonio Gomes Padre Nosso e mulher Maria de Jesus, Thomé Gomes Pa- dre Nosso e João Gomes Padre Nosso, para paga- mento de custas e sellos contados no referido in-

ventario, a cargo dos exe- cutados.

Aldegallega do Ribatejo, 25 de julho de 1907.

Verifiquei a exactidão:

O JUIZ DE DIREITO

A. Franco.

O ESCRIVÃO

José Maria de Mendonça.

**AO BONUS DA LOJA DO POVO PRAÇA AGRICOLA**

Previne-se todos os portadores de SENHAS-BONUS que esta conhecida casa distribue aos seus estimaveis freguezes, assim como tambem se previne o público em geral, que acaba de chegar uma nova remessa de magnificos BRINDES que se acham em exposição n'uma das montras d'esta casa.

Quem comprar 100 réis de fazenda tem direito a uma Senha-Bonus desde que a exijam no acto da compra. Artigos de primeira ordem por preços vantajosos!!!

**AO BONUS DA LOJA DO POVO PRAÇA AGRICOLA — LARGO DA IGREJA**

**STORES PINTADOS PARA O COMMERCIO e INDUSTRIA e casas particulares**

Pintura inalteravel em todo o género de desenhos, como monogrammas, alegorias, inscrições, etc., etc. D'esta ultima novidade apresentam-se amostras a quem as solicitar ao unico representante em Aldegallega, Manuel Braz dos Santos, rua Direita, 139, e rua do Pôço, 1—Loja de Novidades.

**BREVES NOTICIAS**

DA VILLA DE

**Aldeia Gallega do Riba-Tejo**

POR

**JOSÉ DE SOUSA RAMA**

1 volume de 136 paginas, illustrado com 33 gravuras.—Preço, 200 réis.

Vende-se nos estabelecimentos dos srs. Antonio Victorino Rodrigues, Antonio Pereira Duarte e Rosendo de Sousa Rama.

O producto da venda d'este livro é destinado aos pobres de Aldeia Gallega.

**HISTORIA SAGRADA DO ANTIGO E NOVO TESTAMENTO**

Vida de Jesus Christo e dos primeiros apóstolos, acompanhada de 30 gravuras e de dois mappas e um plano de Jerusalem.

PELA

“Estrella do Norte.”

Com approvação do sr. D. Antonio, Bispo do Porto. Preço, brochada — 160 réis. Carto- nada — 200 réis.

Livraria Editora de Figueirinhas Ju- nior, rua das Oliveiras, 75— PORTO.

**GAZETA DAS ALDEIAS**

Semanario illustrado de propagan- da Agricola e vulgarisação de con- hecimentos uteis, premiado com meda- lhas de ouro, prata e bronze em diffe- rentes exposições e grande diploma d'honra na Exposição da Imprensa de 1898.

Assigna-se na rua do Sá da Ban- deira, 193, 1.º.

PORTO

**Pequena bibliotheca democratica**

Dirigida por Antonio Ferrão

Fundada por HELIODORO SALGADO

Pequenos tratados de educação civica e moral.- Obras de propaganda democratica.- Estudos de vulgarisação scientifica.- Estudos historicos.- Vul- garisação da sciencia das religiões.- Questões de interesse proletario.- Etc.

Cada volume de 32 paginas, avulso, 50 réis Por assignatura, 40 réis

**PREÇOS DA ASSIGNATURA NA PROVINCIA**

3 mezes, (6 numeros) 280 réis; 6 mezes, (12 numeros) 560; 1 anno, (24 numeros) 1\$000 réis A sahir quinzenalmente.

Esta bibliotheca inicia-se no intuito de aproveitar todo o saldo em beneficio da escola do Centro Rodri- gues de Freitas.

Séde do Centro da «Pequena Bibliotheca Democra- tica»:—Largo de Santo André, 19-A, 1.º.

LISBOA

**AVELINO M. CONTRAMESTRE**

RELOJOEIRO DE TODA A CONFIANÇA



Vende e concerta toda a qua- lidade de relgios por preços módicos.

Responsabilisa-se pelos con- sertos quando o freguez fique mal servido, restituindo-lhe a im- portancia já paga.

RUA DIREITA, 7 — ALDEGALLEGA

**BIBLIOTHECA DO DIARIO DE NOTICIAS A GUERRA ANGLO-BOER**

Interessantissima narração das luctas entre inglezes e boers, «illustrada» com numerosas zinco-gravuras de «homens celebres» do Transvaal e do Orange, incidentes notaveis, «cercos e batalhas mais cruentas da GUERRA ANGLO-BOER

Por um funcionario da Cruz Vermelha ao s:rvico do Transvaal.

Fasciculos semanaes de 16 paginas..... 30 réis Tomo de 5 fasciculos..... 150 »

A GUERRA ANGLO BOER é a obra de mais palpitante actualidade.

N'ella são descriptas, «por uma testemunha presen ial», as differentes phases e acontecimentos emocionantes da terrivel guerra que tem espantado o mundo inteiro.

A GUERRA ANGLO BOER faz passar ante os olhos do leitor todas as «grandes batallas, combates» e «escaramuças» d'esta prolongada e acerrima lucta entre inglezes, tra svaalinos e oranginos, verdadeiros prodigios de heroismo e tenacidade, em que são igualmente admiraveis a coragem e de- dicação patriótica de vencidos e vencedores.

Os incidentes variadissimos d'esta contenda entre a poderosa Inglater ra e as duas pequ nas republicas sul-africanas, decorrem atravez de verda- deiras peripecias, por tal maneira dramaticas e pittorescas, que dão á GUER- RA ANGLO-BOER, conjuntamente com o irresistivel atractivo d'uma nar- rativa historica dos nossos dias, o encanto da leitura romantizada.

A Bibliotheca do DIARIO DE NOTICIAS

apresentando ao publico esta obra em «esmerada edição,» e por um preço di- minuto, julga prestar um serviço aos numerosos leitores que ao mesmo tempo desejam deleitar-se e adquirir perfeito conhecimento dos successos que mais interessam o mundo culto na actualidade.

Pedidos á Empresa do DIARIO DE NOTICIAS Rua do Diario de Noticias, 110—LISBOA



**COMPANHIA FABRIL SINGER**

260

Por 500 réis semanaes se adquirem as cele- bres machinas SINGER para coser.

Pedidos a AURELIO JOÃO DA CRUZ, cobrador da casa ADCOCK & C.º e concessionario em Portu- gal para a venda das ditas machinas.

Envia catalogos a quem os desejar.

ALDEGALLEGA

MAXIMO CORKI

**NA PRISÃO**

Ultimo trabalho littera- rio do extraordinario escri- ptor russo. O mais empol- ganle que a sua penna tem produzido até hoje.

O romance dos presos politicos da Russia, analyse dos costumes barbaros da escravidão moderna.

Um volume de perto de 200 paginas, com uma ca- pa a côres, illustrada com um dos melhores retratos do auctor.

Preço 200 réis

«A EDITORA»

Largo do Conde Barão, 50

LISBOA

**OS DRAMAS DA CORTE**

(Chronica do reinado de Luiz XV)

Romance historico por E. LADOUCETTE

Os amores tragicos de Manon Les- caut com o celebre cavalleiro de Grioux, formam o entredo d'este romance, rigorosamente historico, a que Ladoucette imprimiu um cunho de originalidade devéras encantador.

A corte de Luiz xv, com todos os seus esplendores e miserias, é escri- pta magistralmente pelo auctor d'O Bastardo da Rainha nas paginas do seu novo livro, destinado sem du- da a alcançar entre nós exito egua- aquelle com que foi recebido em Pa- ris, onde se contaram por milhares os exemplares vendidos.

A edição portugueza do popular e commovente romance, será feita em fasciculos semanaes de 16 paginas, de grande formato, illustrados com soberbas gravuras de pagina, e constará apenas de 2 volumes.

20 réis o fasciulo 100 réis o tomo

2 valiosos brindes a todos os assignantes

Pedidos á Bibliotheca Popular, Em- presa Editora, 162, Rua da Rosa, 162 — Lisboa.

**OS ULTIMOS ESCANDALOS DE PARIS**

Romance de aconteci- mentos sensacionaes e ve- ridicos occorridos na actua- lidade e mais interessante que os Mysterios de Paris e Rocamble por Dubut de Laforest.

Pedidos á «Editora», lar- go do Conde Barão, 50 — Lisboa.

**ENCYCLOPEDIA DAS FAMILIAS**

Revista illustrada de instrucção e recreio A Encyclopedias mais util e economica que se publica em Portugal.

Cada numero consta de 80 paginas, profusamente illustradas, compostas em typo muito legivel, impres- sas em magnifico papel e elegantemente brochado.

Preço da assignatura, an- no, 800 réis.

Pedidos a Manuel Lucas Torres, rua do Diario de Noticias, 93—Lisbôa.